

ARTIGO

**A LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA LINGUAGEM NÃO VERBAL DA  
ERA DIGITAL: O SIGNO *EMOJI***

*(The langue as interpretant of nonverbal language of the digital age: the sign emoji)*

*(La lengua como interpretante del lenguaje no verbal de la era digital: el signo emoji)*

Claudia Toldo <sup>1</sup>  
(Universidade de Passo Fundo)

Roberta Costella<sup>2</sup>  
(Universidade de Passo Fundo)

Recebido em: junho de 2020  
Aceito em: março de 2021  
DOI: 10.26512/les.v22i1.32288

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com Pós-doutorado em Linguística - estudos do texto pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Língua Portuguesa e Linguística do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo, RS, Brasil. Professora e Coordenadora do PPGL – Doutorado e Mestrado em Letras na mesma Universidade. Realiza pesquisas em Teorias da Enunciação, principalmente, estuda as reflexões teóricas de Émile Benveniste. Pesquisadora CNPq; claudiast@upf.br. Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4770841D1>>. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0002-2960-0734>>.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo; Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI); Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF); Professora de Metodologia da Pesquisa no Centro de Estudos Odontológicos Meridional (CEOM/IMED); Professora de Língua Portuguesa, Redação e Redação no Centro de Ensino Médio Integrado UPF; Bolsista Capes; robertacost@upf.br. Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4426755T8>>.

## RESUMO

*O presente estudo tem por finalidade analisar o signo emoji sob a perspectiva enunciativo-discursiva e semiológica, no que diz respeito à relação entre a escrita e a imagem, interpretada pela língua, interpretante de todos os sistemas, a fim de constatar como proceder a um estudo enunciativo-discursivo do emoji, ao abordar a relação intersubjetiva entre um eu e um tu, ao utilizarem a imagem e a escrita e como o sujeito apropria-se da língua para explicar esse signo, já que todos os fenômenos semiológicos dependem da língua para sua interpretação. Assim, este trabalho qualitativo bibliográfico apresenta uma possibilidade de refletir, com base na teoria benvenistiana, sobre o signo emoji. Essa reflexão fundamenta-se, especialmente, no texto *Semiologia da língua* (1969)<sup>3</sup>, presente no livro *Problemas de linguística geral II* (2006). A língua, dotada de uma dupla significância, é o sistema interpretante dos demais, visto que todos os signos da sociedade podem ser por ela interpretados, inclusive o nosso objeto de estudo, o signo emoji.*

**Palavras-chave:** Emoji. Semiologia. Significância. Semiótico. Semântico.

## ABSTRACT

*The present study aims to analyze the emoji sign from the enunciative-discursive and semiological perspective, regarding the intersubjective relationship between writing and image, interpreted by the language (langue), interpreter of all systems, in order to determine how to proceed to a enunciative-discursive study of the emoji, by addressing the intersubjective relationship between an I and a you, when using the image and the writing and how the subject appropriates the langue in order to explain this sign, since all semiological phenomena depend on langue for its interpretation. Thus, this qualitative bibliographic work presents a possibility to reflect, based on the Benvenistian theory, about the emoji sign, based on language, enunciation and discourse. This reflection is based especially on the text *The semiology of language* (1969), present in the book *Problems in general linguistics II* (2006). The langue, endowed with a double significance, is the interpretative system of the others, since all the signs of society can be interpreted by it, including our object of study, the sign emoji.*

**Keywords:** Emoji. Semiology. Interpretance. Semiotic. Semantic.

## RESUMEN

*El presente estudio tiene por finalidad analizar el signo emoji bajo la perspectiva enunciativo-discursiva y semiológica, en cuanto a la relación entre la escrita y la imagen, interpretada por la lengua, interpretante de todos los sistemas, a fin de constatar cómo proceder a un estudio enunciativo-discursivo del emoji, al abordar la relación intersubjetiva entre un yo y un tú, en el caso de que utilicen la imagen y la escrita y como el sujeto se apropia de la lengua para explicar ese signo, ya que todos los fenómenos semiológicos dependen de la lengua para su interpretación. Así, este trabajo cualitativo bibliográfico presenta una posibilidad de reflexionar, basado en la teoría benvenistiana, sobre el signo emoji. Esa reflexión se fundamenta, especialmente, en el texto *Semiología de la lengua* (1969), presente en el libro *Problemas de lingüística general II* (2006). La lengua, dotada de una doble significancia, es el sistema interpretante de los demás, puesto que todos los signos de la sociedad pueden ser por ella interpretados, incluso nuestro objeto de estudio, el signo emoji.*

**Palabras clave:** Emoji. Semiología. Significancia. Semiótico. Semántico.

## INTRODUÇÃO

Para embasar a reflexão feita neste artigo, ocupamo-nos das contribuições da Teoria da Enunciação, nos estudos de Émile Benveniste, principalmente nas suas considerações no texto de 1969, “Semiologia da Língua”. Esse texto, inserido em *Problemas de linguística geral II* (2006), traz

<sup>3</sup> Sempre que o nome do texto for citado, usamos o ano de sua publicação. Ao nos referirmos às citações da obra como um todo, referenciamos o ano da nossa edição (2006). Isso também acontecerá com os demais textos apresentados.

a questão da língua enquanto sistema interpretante de todos os sistemas sígnicos, inclusive da própria língua.

A teoria benvenistiana auxilia-nos a compreender o signo *emoji*, nosso objeto de estudo, um signo não linguístico, interpretado pela língua, sistema de dupla significância, constituída dos níveis semiótico e semântico, a qual ocupa um lugar peculiar em relação aos demais sistemas, pois possui a capacidade de interpretar a si mesma e a sociedade. Sendo assim, reconhecemos essa relação de significância entre língua e *emoji*, uma vez que a semiótica desse se apresenta por meio da matriz de outro modo de expressão - a língua - colocada em funcionamento por meio de um ato individual do locutor para enunciar e se tornar sujeito.

Outro ponto importante a mencionar é que as atividades humanas acontecem em esferas, domínios, campos, que são permeados por enunciados verbais e não verbais, inseridos em uma determinada cultura. Nessa riqueza e diversidade infinita de enunciados, encontra-se o *emoji*. Compreendido como unidade discursiva social, produto do momento sociocultural em que se inscreve, esse signo introduz mudanças na linguagem e na participação social dos envolvidos na comunicação digital, os quais se apropriam da língua e se tornam sujeitos numa relação enunciativa e democrática. O *emoji*, para esse sujeito, o qual se constitui na língua e vive em sociedade, pode tornar-se uma possibilidade comunicativa. Ele faz parte da constituição desse locutor que se enuncia e se propõe como sujeito em sociedade. É a tríade: língua – homem – sociedade.

Portanto, realizar um estudo do *emoji* – palavra derivada da junção dos seguintes termos em japonês: e (imagem) + moji (letra) –, numa perspectiva enunciativo-discursiva e semiológica, é o objetivo deste artigo. Este estudo se insere em um trabalho maior, que culminará na tese de doutorado, na qual buscamos compreender como se dá essa relação interpretativa em uma forma não verbal, enunciada por um sujeito, para estabelecer uma relação intersubjetiva com seu *tu*, supondo a língua que o produz e o interpreta.

## **1. A LÍNGUA COMO PRODUTORA E INTERPRETANTE DOS DEMAIS SISTEMAS E DA SOCIEDADE: A DUPLA SIGNIFICÂNCIA QUE PERMITE A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO EMOJI**

Émile Benveniste, em seu texto de 1969, *Semiologia da língua*, traz um estudo essencial para refletirmos sobre a significância da língua em relação aos demais sistemas, na medida em que tomamos o *emoji*, signo não verbal oficialmente incluído no dicionário Oxford *online* (2018), como “ícone de expressão para mensagens”, como *corpus* desta pesquisa. Esse signo deriva das expressões japonesas: “e” (imagem) e “moji” (letra), traduzidas ao português como “pictograma”. Para discuti-lo, trazemos a reflexão de Émile Benveniste para embasar a nossa discussão. Benveniste divide o

texto de 69 em duas partes. Na primeira, esclarece seu entendimento sobre semiologia e contrapõe os pensamentos de Peirce e Saussure, concatenando a língua e a semiologia. A relação da língua com os demais sistemas semiológicos é assunto da segunda parte.

O enunciado “Qual é o lugar da língua entre os sistemas de signos?” (2006d, p. 43), questão norteadora do texto, já se encontra no primeiro parágrafo. Para responder, Benveniste confronta Charles S. Peirce (1839-1914) e Ferdinand de Saussure (1857-1913), os quais, por meio de perspectivas diferentes, tinham o signo como elemento de observação. Ao se referir a Pierce, Benveniste esclarece que não há nada de concreto e específico formulado pelo autor no que diz respeito à língua, já que nunca se interessou por ela: “A língua se reduz, para ele, às palavras, e estas são igualmente signos, mas elas não são do domínio de uma categoria distinta ou mesmo de uma espécie constante”. (BENVENISTE, 2006d, p. 44). Inicia-se, dessa forma, uma crítica ao posicionamento peirciano, a fim de refutá-lo, mas sempre reconhecendo a importância da tripartição do autor (símbolo, ícone e índice).

Ao argumentar que o homem inteiro é um signo, seu pensamento, sua emoção, questiona: “Mas finalmente esses signos sendo todos signos uns dos outros, de que poderão eles ser signos que NÃO SEJA signo? Acharemos o ponto fixo onde amarrar a PRIMEIRA relação de signo?” (BENVENISTE, 2006d, p. 45). A partir dessa reflexão, Benveniste apresenta-nos Saussure. Para este, toda reflexão deve proceder da língua, caracterizada como seu objeto. Para Saussure, o signo é arbitrário, não obedece a uma hierarquia, “é o único que consegue explicar-se por si próprio. É antes de tudo uma noção linguística que mais largamente se estende a certos ordens de fatos humanos e sociais.” (Benveniste, 2006d, p. 49). É por meio dessa noção de arbitrariedade que Benveniste define o signo linguístico como pertencente à língua e evidencia a relação da linguística com a semiologia, mas não elucida o que caberia à semiologia.

Nas últimas aulas no Collège de France (1968-1969/2014), o autor reaviva a discussão de sua reflexão sobre semiologia, formulada ao longo dos anos 60 e apresentada, mais precisamente, em seu artigo de 1969. Nessas aulas, também expõe as duas grandes linhas dedicadas aos estudos semiológicos: a semiótica de Peirce – noção de signo é universal e lógica – e a semiótica de Saussure, na qual o signo comporta, no que concerne a sua forma, uma noção individual e social. Para Benveniste “é a língua como sistema de expressão que é o interpretante de todas as instituições e de toda a cultura.” (2014, p. 117). Portanto, vai além ao atribuir à forma o sentido, porque o signo pode apresentar significações diferentes de acordo com a cultura em que se insere.

Se os enunciados – unidades reais de comunicação – determinam nossas atividades nos mais diversos campos, podemos inserir, social e culturalmente, uma gama ilimitada de enunciações; dentre elas, as formas não verbais representadas pelos *emojis*, compreendidos como unidades discursivas,

capazes de provocar, por parte do sujeito, uma atitude responsiva de compreensão – ou não – da imagem transmitida. Todo enunciado é produzido por alguém, para expressar a visão do momento histórico em que se insere. Visão essa, expressa pela língua.

Ao esclarecer que “Benveniste radicaliza a ‘modelagem’ linguística da semiologia” (FLORES, 2013, p. 149), pois argumenta que todos os outros sistemas de signos, mencionados por Saussure, necessitam da significância da língua, permite-nos inserir o *emoji* como uma possibilidade outra de comunicação entre sujeitos mediada pela língua. A elucidação sobre o “caráter comum a todos os sistemas e o critério de sua ligação à semiologia encontra-se na sua propriedade de significar ou SIGNIFICÂNCIA, e sua composição em unidades de significância, ou SIGNOS”. A língua seria o mais importante dentre todos esses sistemas.

Em *Últimas aulas*, Benveniste esclarece sobre a propriedade que tem a língua de tudo semiotizar, inclusive a si mesma, informação de extrema relevância, tanto que na Aula 12, os itens 1 e 2 são nomeados como “1. A língua semiotiza tudo” e “2. A língua semiotiza a si mesma” (2014, p. 157, grifo do autor). Ou seja, significa tudo, enuncia valores das relações humanas, interpreta o próprio discurso. Nesse universo interpretativo, o *emoji*, contemporaneamente, destaca-se, na medida em que é resultante de um fenômeno discursivo, repleto de enunciados já pronunciados pelos locutores para formularem seus discursos em outras situações, em outras épocas, ao se apropriarem da língua e se tornarem sujeitos, por meio do sistema que tudo semiotiza.

Das relações entre os sistemas semióticos, depreendem-se dois princípios básicos: o princípio da não-redundância, pois não dizemos a mesma coisa com dois sistemas diferentes, já que não são “mutuamente conversíveis” (BENVENISTE, 2006d, p. 54) – por exemplo, a fala e a música; e o princípio da não transsistematicidade, porque é somente no sistema o qual o integra que o signo possui definição. Dessa forma, a relação semiótica acontece na ligação entre um sistema interpretante e um interpretado. A língua, ao ocupar um lugar de destaque, será o sistema interpretante, uma vez que essa sempre interpreta a sociedade e, assim, interpreta o enunciado e a enunciação que emana do sistema não verbal denominado *emoji*, utilizado por um determinado locutor para se enunciar e se transformar em sujeito do seu discurso.

Ao explicitar que “a língua ocupa uma situação particular no universo dos sistemas de signos” (BENVENISTE, 2006d, p. 55), interpretando a sociedade e nunca o contrário, apresenta-nos outros sistemas de signos para comprovar sua afirmação. Dentre eles, inclui as artes da figura, colocando-as no nível da representação “onde traço, cor, movimento se combinam e entram em conjuntos governados por necessidades próprias” (BENVENISTE, 2006d, p. 59). Os *emojis* são figuras representativas de sentimentos e emoções utilizadas em enunciações particulares, em que “a definição do signo não se precisará senão com o desenvolvimento de uma semiologia ainda indecisa”

(BENVENISTE, 2006d, p. 59), mas possível de ser analisada se a noção de unidade estiver no âmago de nossa problemática atrelada à subjetividade do locutor que enuncia sempre num determinado tempo e espaço, pois somente no sistema que o integra é possível definir o valor do signo.

Duas citações são relevantes e sustentam nossa proposta de trabalho, quando pensamos na semiótica do *emoji*, sistema que nos propomos estudar. Uma encontra-se na nota de rodapé número 24 de *Semiologia da língua*:

O verdadeiro problema semiótico, que ao nosso ver ainda não foi colocado, é o de buscar COMO se efetua esta transposição de uma enunciação verbal em uma representação icônica, quais são as correspondências possíveis de um sistema a outro e em que medida esta confrontação se deixaria perseguir até a determinação de correspondências entre SIGNOS distintos. (BENVENISTE, 2006d, p. 60)

A outra é proferida por um dos grandes estudiosos de Benveniste a respeito da menção feita sobre semiologia denominada de *segunda geração*, no final do texto de 1969: “Tema fértil para debate seria examinar os termos pelos quais se poderia pensar essa *semiologia de segunda geração* no estudo de sistemas como a música, a pintura, enfim, as artes em geral.” (FLORES, 2013, p. 159). Essas duas constatações encaminham-nos para pensarmos o *emoji* como um signo não verbal, o qual comporta uma um funcionamento próprio e, por isso, uma semântica própria que significa sempre em um tempo e em um espaço atualizados pelo uso e interpretância da língua, enquanto prática social.

A tentativa e possibilidade de realização de uma pesquisa dessa natureza faz com que o olhar do pesquisador volte-se para as propriedades e para as situações enunciativas que se inscrevem na organização e utilização dos *emojis*, com o intuito de elucidar a relação intersubjetiva construída entre o *eu* e o *tu*. Portanto, concebendo a língua como sistema interpretante dela mesma e dos demais signos que compõem o *emoji*, partimos da língua para analisar tal manifestação tecnológica de interação cultural, no trabalho com signos linguísticos e não linguísticos.

Benveniste (2006d, p. 61) ao argumentar que independente de qual seja a “semiologia de um sistema não-linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua”, faz-nos elucidar que o *emoji* “não pode existir senão pela e na semiologia da língua [...] interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não-linguísticos”. (BENVENISTE, 2006d, p. 61). A competência linguística do produtor de enunciados é exercitada por meio do contato com os diferentes sistemas existentes – verbal e não verbais – e na vivência dessas situações comunicativas na sociedade, espaço constitutivo do homem que usa a língua para se relacionar com os outros homens por meio da linguagem.

Entre esses diferentes sistemas, há três relações possíveis, denominadas engendramento, homologia e interpretância (BENVENISTE, 2006d). As relações de engendramento acontecem na construção de um sistema por meio de outro; as de homologia, quando emergem correlações entre as

partes, instauradas na relação entre sistemas distintos; e as de interpretância, quando um sistema é capaz de interpretar o outro. Já que os sistemas se subdividem naqueles os quais articulam e nos que são articulados, essa última relação é tida como essencial.

Dessa forma, Benveniste (2006d, p. 62) justifica a sua tese: “A língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive a si mesma”. É o único sistema que não necessita recorrer a outro para poder se explicar. Portanto, o *emoji* precisa da língua para descrever a situação enunciativa posta a fim de elucidar a compreensão do signo não verbal, o que comprova que todo sistema sótico traz a possibilidade de significância, porém só a língua tem a capacidade de interpretar linguisticamente outro sistema.

É por isso que o *emoji* necessita da interpretância da língua. É ela, organização semiótica por excelência, que mantém a sociedade unida: manifesta-se por meio da enunciação, é constituída de unidades distintas (signos), é social – produzida e recebida nos mesmos valores de referência – e atualiza a comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 2006d). Que a língua é interpretante de todos os demais sistemas, já está posto. Contudo, qual é a propriedade que a diferencia e permite a construção dos sentidos do *emoji*? Respondemos: a sua dupla significância, construída por meio dos sistemas semiótico e semântico. Este deve ser compreendido, é o modo “específico de significância que é engendrado pelo DISCURSO” (BENVENISTE, 2006d, p. 64); aquele deve ser reconhecido e “designa o modo de significação que é próprio do SIGNO linguístico e que o constitui como unidade” (BENVENISTE, 2006d, p. 64). A significação da língua é assim articulada, e somente ela, na combinação de dois modos distintos de significância.

A semiologia saussureana da língua foi fundamentada quando o autor a definiu como um sistema de signos; ao signo atribuíam-se a estrutura e o funcionamento da língua; porém, Benveniste, nesse sentido, elucida ser necessário “ultrapassar a noção de signo como princípio único” (BENVENISTE, 2006d, p. 66). Essa “ultrapassagem” seria feita por duas vias: a primeira seria a intralinguística, a qual considera o discurso, e a segunda, translinguística, “pela elaboração de uma metasemântica” (FLORES, 2013, p. 154) que se dará, por meio de uma semântica de segunda geração (enunciação).

Benveniste insere-nos em uma semiologia a qual se fundamenta sobre o discurso, elucidando que essa “semiologia da língua” seria a capacidade que tem a língua de interpretar a todos os demais sistemas e a ela mesma, em função de sua dupla significância. Em suas *Últimas aulas*, Benveniste (2014, p. 90) inicia sua reflexão, afirmando que “Falar da ‘linguística’ é falar da língua” e argumenta que a natureza *significante* é a natureza essencial da língua, a qual é responsável por comandar todas as funções que ela é capaz de assumir:

Ela é *informada de significância*, mesmo considerada fora de qualquer emprego, de qualquer utilização particular ou geral. Essa propriedade, se ela nos parece – e ela nos parece de fato – transcender todas as outras, comandará nosso discurso sobre a língua: será um discurso sobre a característica que colocamos em primeiro plano: a língua *significa* (BENVENISTE, 2014, p. 90, grifos do autor).

É desse domínio semântico de ser a língua mediadora de tudo, que este artigo se inscreve, cuja proposta compreende uma interpretação – pela língua – dos *emojis*. Essa língua que tem como função ser “mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre os espíritos e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo” (BENVENISTE, 2006a, p. 229), ou seja, é a língua possibilitando as relações humanas em sociedade. A língua é “o espelho da sociedade [...] reflete a estrutura social em suas particularidades e suas variações e que ela é mesmo por excelência o índice das mudanças que se operam na sociedade e nesta expressão privilegiada da sociedade que se chama cultura” (BENVENISTE, 2006c, p. 94-95). Assim, temos imbricadas questões como cultura, homem, língua e sociedade. Conceitos basilares para esta reflexão. Porém é pertinente esclarecer, para evitar leituras equivocadas, que a interpretação não se deve à relação entre língua, homem e sociedade, e sim, à dupla dimensão de significância da língua.

Ao assumirmos, também, a ideia da necessidade primitiva do homem em transmitir pensamentos por meio de elementos gráficos, apresentamos os *emojis* como forma contemporânea de expressão, caracteres enunciativos, os quais se caracterizam como mais do que simples representações de ações comunicativas, pois envolvem questões sociais e culturais como qualquer sistema semiótico. E, a partir dessa necessidade sociocultural, o sujeito coloca-se como produtor do seu discurso, imprimindo um valor cultural à língua, visto que “Nenhuma língua é separável de uma função cultural. Não há aparelho de expressão tal que se possa imaginar que um ser humano seja capaz de inventá-la sozinho (BENVENISTE, 2006b, p. 23-24). O uso dos *emojis* constitui um espaço comunicativo em que os sujeitos tornam-se protagonistas do seu dizer. Ademais é usada por todas as classes sociais, em todos os ambientes e por todas as idades, mas é relevante esclarecer que diferentes classes sociais ocupam-se dessas tecnologias de comunicação de formas diversas. Mesmo assim, os indivíduos comunicam-se livremente, com a possibilidade de não haver convenções discriminatórias:

Os pictogramas [incluindo os *emojis*] são elementos visuais que, na contemporaneidade, compõem um sistema de sinalização e comunicação. Sua natureza figurativa e lúdica tem a capacidade de comunicar mensagens complexas. [...]. Essa forma de diálogo, em muitos casos, pode quebrar obstáculos linguísticos entre diferentes culturas e níveis de conhecimento (MORO, 2016, p. 53).



A linguagem está em permanente processo de mudança e se adapta às complexidades de relação dos vários agentes envolvidos na produção de sentidos e às restrições inseridas nas tecnologias que permeiam essa prática discursiva: “A linguagem é para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem.” (BENVENISTE, 2006c, p. 93). A língua é o instrumento de comunicação por excelência, porque se encontra investida de “propriedades semânticas e, porque ela funciona como uma máquina de produzir sentidos” (BENVENISTE, 2006c, p. 99); porém, às vezes, para transmitir mais sentidos de forma mais econômica, em determinados contextos de interação, é crescente o uso dos *emojis* quando um locutor se apropria da língua, a fim de exercitar sua capacidade de comunicação. Porém, apesar da economia, ao mesmo tempo, esses signos fazem “emergir sentidos acrescidos de muitos outros significados, especialmente, de emoções” (PAIVA, 2016, p. 396), as quais emergem de um sujeito em uma relação intersubjetiva, no seio de uma cultura.

## **2. A SUBJETIVIDADE E A INTERSUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: SOU UM *EU*, UM *EGO* FUNDAMENTANDO A REALIDADE**

No estudo de 1958, Benveniste propõe uma ideia de linguagem que coloca o indivíduo na posição de sujeito, pois “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005a, p. 286). Assim, o lugar no qual o indivíduo se constitui como sujeito e como falante é a linguagem.

Evans (2018) relata que, no século XXI, moramos em uma “global village” (aldeia global), em que o alcance comunicativo de um indivíduo pode afetar a vida de milhões de pessoas, com o pressionar de um botão. Nunca antes, na história da humanidade, fomos capazes de nos comunicar com tanta rapidez e com tantos amigos e seguidores, mesmo sem, quem sabe, conhecer a maioria. Ainda segundo Evans, essa ideia de revolução global, não introduz apenas novas maneiras de se comunicar, mas também novos sistemas de comunicação.

Um desses sistemas é o *emoji*: 5 bilhões são enviados todos os dias apenas no aplicativo de mensagens do *Facebook*. E mais de 3,2 bilhões de usuários da Internet fazem uso regular de *emojis*. (EVANS, 2018). Apesar da popularidade, é uma forma de linguagem pouco estudada, em função do preconceito o qual se pauta na ideia de que os processos comunicativos iriam se tornar mais “pobres”. Um equívoco, já que esses signos não são relevantes para a comunicação escrita longa: a importância dessa comunicação não verbal está nas mensagens digitais abreviadas da vida cotidiana – brincadeiras nas mídias sociais, piadas ou paqueras, mensagens de bate-papo para expressar simpatia ou frustração. Evans (2018) é enfático em argumentar que *emojis* não substituem o idioma; eles

fornece pistas não verbais, adequadas ao propósito do nosso discurso digital, que nos ajudam a dar nuances e a complementar o que queremos dizer com nossas palavras. Assim, a cada *emoji* enviado, está posta a subjetividade de um locutor que faz escolhas ao se enunciar.

A subjetividade mencionada em relação a quem envia o *emoji* é por nós entendida como “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (BENVENISTE, 2005a, p. 286), tendo como condição a linguagem. O fundamento da subjetividade é determinado pela pessoa e por seu *status* linguístico; é por meio da subjetividade que um locutor passa a ser sujeito. Fica evidente, portanto, que o sujeito tratado por Benveniste (2005a) não é psicológico, nem biológico, nem sociológico; só há sujeito na linguagem fundamentado no *status* linguístico da pessoa. Nessa concepção, o sujeito, nas palavras de Flores (1999, p. 28), “[...] é produto de um jogo de interação dado pelo uso das formas linguísticas que, pertencentes à língua, possibilitam a passagem do locutor a sujeito num processo de apropriação da língua”. Para Benveniste (2005a), o sujeito deve ser entendido como um locutor que se apropria da língua e exercita sua capacidade de comunicação, no caso dos *emojis*, por meio de um signo não verbal, complementando o dizer. Ao adicionarmos uma “carinha” sorridente, um coração, ou outro desenho qualquer, o significado das palavras pode se tornar mais explícito, auxiliando a comunicação entre os sujeitos.

Segundo Benveniste (2005a, p. 287), a linguagem “é tão profundamente marcada pela expressão da subjetividade que nós nos perguntaríamos se, construída de outro modo, poderia ainda funcionar e chamar-se linguagem”, pois tudo gira em torno de um *eu* que se apropria do sistema da língua e se comunica, propondo-se como sujeito da sua enunciação. Diante dessa constatação, de que todas as línguas, independentemente da maneira usada para expressar, mesmo que diferente da que conhecemos (por meio de pronomes e categorias verbais), preveem a noção de pessoa, Benveniste (2005a) insere o homem na língua e introduz na linguística a noção de sujeito, pois somente ao produzir um ato de fala – construção linguística particular – ele se constitui como *eu*, instalando, dessa forma, na linguagem, a subjetividade, definindo as pessoas do discurso. Desse modo, Benveniste defende que a subjetividade não é propriedade de uma língua particular, mas da linguagem. E o *emoji* auxilia na transmissão do que queremos dizer, da nossa subjetividade, pois preenche algumas lacunas no que diz respeito à projeção mais eficaz de emoções. Alshenqeeti (2016, p. 58-59) acredita que os *emojis* surgiram como um meio capaz de indicar eufemismos, sarcasmo, emoções que antes eram difíceis de transmitir em um texto verbal, ou seja, é a tradição de usar imagens para produzir sentido por meio de uma linguagem não verbal.

Reiteramos que a linguagem é a condição necessária para que o locutor passe a sujeito, todavia esse precisa ter consciência de seu alocutário, pois entendemos que a subjetividade tratada

por Benveniste não é uma subjetividade que se projeta somente no *eu*. É, sim, uma relação intersubjetiva do *eu* e do *tu*, num espaço *aqui* e num tempo *agora*, ou seja, é numa relação de diálogo que se dá a subjetividade: a condição de diálogo é “constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade” (BENVENISTE, 2005c, p. 286). Quando esse *eu* é enunciado, há sempre a proposição de outra pessoa, como se fosse um eco, uma voz que ressoa.

As pessoas *eu/tu* caracterizam-se como categorias de discurso que só ganham plenitude quando assumidas por um falante, na instância discursiva: “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 2005a, p. 286), e também a um outro como *tu*. Para poder enunciar, para poder se constituir como pessoa, o *eu* necessita do *tu*. Ambos criam uma relação de troca, constituem-se mutuamente e são constituídos pela língua. Nesse diálogo, ao enunciar-se por meio de um *emoji*, o objetivo é que o *tu* compreenda a o que foi dito, já que a maioria desses caracteres é conhecido, mesmo que os sujeitos envolvidos não compartilhem de uma linguagem verbal comum; porém, devido à sua natureza digital, portanto, a ausência física, face a face, nem sempre a mensagem pode ser interpretada como desejado, ou seja, muitas vezes não há transparência de sentido no uso dos *emojis*.

O emprego da língua, consoante à teoria de Benveniste, deve ser compreendido a partir da relação que acontece entre um locutor e a língua. Nesse encadeamento, são produzidas as marcas linguísticas denominadas “caracteres lingüísticos da enunciação” (BENVENISTE, 2006e, p. 82). O locutor mobiliza a língua, faz escolhas, deixando marcas, produzindo efeitos de sentido, a fim de persuadir o seu locutor. São essas marcas deixadas pelo sujeito que constituem o objeto da análise da teoria de Benveniste. Entretanto, na relação entre um *eu* e um *tu* o entendimento do signo *emoji* talvez não seja o desejado: pode ocorrer a subjetividade da relação comunicativa nos processos de construções simbólicas a que o ser humano está diariamente exposto, uma vez que a imagem, inserida nesses meios, é capaz de estabelecer inúmeras interpretações que dependem de uma série de variáveis. Portanto, esses caracteres enunciativos possuem uma força construtiva simbólica, constituindo-se em signos de representação de práticas sociais que permeiam a relação enunciativa de um *eu*, um *tu*, num determinado tempo e espaço.

Um exemplo clássico de compreensão diversificada é o *emoji* denominado *Pessoa orando com mãos palma com palma* 🙏: “duas mãos cerradas. Acaba de voltar a si, faz uma prece ou almeja a iluminação. Também usado para “bate-aqui”, bem como ‘obrigado’” (EMOTICONSIGNIFICADO, 2019). Outro exemplo é a chamada *Carinha sorridente com ar presunçoso e malicioso* 😏: “Um sorriso no canto da boca, expressando certa vaidade. Sinal de ironia, descontração ou diversão. Tenha cuidado: alguém pode estar armando alguma coisa. É usado também para flertar ou insinuar intenções sexuais.” (EMOTICONSIGNIFICADO, 2019). Todos esses significados circulam

concomitantemente, e é bem possível que nosso “tu” compreenda de uma maneira diferente da que pretendíamos.

Mas existe, também, a possibilidade de um mesmo *emoji* ser usado para situações diversas, como é o caso da *Carinha sorridente com olhos em formato de coração* 🥰. Esse signo pode ser enviado para significar que você está apaixonado por uma pessoa, que gostou de algo que lhe foi apresentado, indicando muita felicidade em função de um acontecimento, entre outros. E aqui, solidarizamos-nos a Benveniste (2005a) ao entendermos que a organização da linguagem permite que cada locutor aproprie-se de toda língua, designando-se como *eu*, sempre num ato novo, porque o enunciado pode ser o mesmo, mas a enunciação é sempre diferente.

Temos, dessa forma, a reflexão da repetibilidade da língua e da irrepetibilidade da enunciação, já que a enunciação é esse colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização (2006). Portanto, os pronomes, os advérbios, as locuções adverbiais, as variações do paradigma verbal e, por que não, os *emojis*, são signos vazios, que só ganham plenitude e significação no ato de enunciação, quando assumidos pelos indivíduos.

A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes (BENEVISTE, 2005a, p. 289).

Nesse momento de diálogo, de alternância, quando o locutor propõe-se como sujeito, numa relação única, irrepetível, transforma a linguagem em instâncias de discurso, caracterizadas por um sistema de referências internas que tem por base o *eu*. Esse sistema define o indivíduo, para que esse possa se propor como locutor e se enunciar. Sendo assim, *eu* e *tu* não poderão existir como “signos virtuais, não existem a não ser na medida em que são atualizados na instância de discurso, em que marcam para cada uma das suas próprias instâncias o processo de apropriação pelo locutor” (BENVENISTE, 2005a, p. 281). A condição de existência da categoria de pessoa é a de ser instaurada no momento da enunciação, a cada vez único.

O que marca a epistemologia da enunciação é a existência da intersubjetividade. Dessa forma, para Benveniste (2005a), a linguagem é intersubjetiva. Flores et al. (2009, p. 146) afirmam que a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste é fundamentada na noção de intersubjetividade, uma vez que o homem se constitui como sujeito “na e pela linguagem [...] e essa condição está na dependência da existência do outro”. Na língua, a marcação de intersubjetividade realiza-se por uma relação de oposição entre *eu* e *não-eu*; a intersubjetividade é a condição para que a língua transforme-se em discurso. E essa transformação em discurso pode se mostrar por meio de uma linguagem não

verbal que não se apresenta como um novo idioma, já que os *emojis* necessitam da língua para serem interpretados, mas auxiliar na compreensão do enunciado, assim como as pinturas rupestres, e outros sistemas sógnicos. Os *emojis* podem, portanto, ser considerados um maneira “conveniente” de transmitir informações em um texto curto por meio de imagens.

### **3. NÃO SOU MAIS LOCUTOR, SOU SUJEITO ENUNCIATIVO, SOU UM EU NA RELAÇÃO COM O MEU TU: A LINGUAGEM CORPORAL NA ERA DIGITAL**

Acreditamos ser importante mencionar que o *Global Language Monitor* elegeu, como palavra do ano, em 2014, o *emoji* ❤️ (coração/amor), 🙄 “apesar de não ser uma palavra” (PAIVA, 2016). Ademais, em 2015, o *Oxford Dictionaries* intitulou o *emoji* (careta rindo) como palavra do ano, o que comprova a constante utilização desse signo na enunciação cotidiana. Além disso, Evans (2017a) esclarece que mais de 6 bilhões de *emojis* estavam sendo enviados diariamente em 2015 por mais de 90% da população *online* do mundo. Esse signo, hoje, supera até o alcance do inglês, considerado língua universal.

Outro ponto a destacar é que a BBC, uma instituição tradicional e reconhecida, abriu espaço para que essa linguagem fosse utilizada: toda sexta-feira, a página *Newsbeat* no site da BBC - associada à BBC Radio 1 e destinada a ouvintes mais jovens - publica as notícias em *emojis*. Os ouvintes de rádio são convidados a adivinhar o significado da manchete. (EVANS, 2017b). Ainda, segundo Evans (2017b), o cânone literário também não está isento: Ken Hale, um designer visual apaixonado por *emoji*, traduziu, entre outros clássicos, “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, um livro de 27.500 palavras ou mais, em uma narrativa pictórica composta por cerca de 25.000 *emojis*.

Porém, por que são relevantes essas informações? Simplesmente para reiterar a constante e inegável utilização desse signo no século XXI. Assim, é imperioso e imprescindível o olhar do linguista para esse fenômeno que pulsa e reflete uma maneira diferente de se comunicar.

Mas e a pergunta que não quer cessar: por que Benveniste para estudar uma linguagem não verbal? É pertinente? A resposta é sim. Porém, acreditamos que a explicação pode se iniciar em Saussure com a definição de língua: “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e é compatível, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritmos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas”. (SAUSSURE, 2006, p. 24).

Normand (1996) esclarece que Benveniste herda a concepção de língua de Saussure, ampliando-a com a inclusão da dimensão intersubjetiva, condição da subjetividade. Flores (2001, p. 29) explicita que “a teoria de Benveniste não só acentua a subjetividade linguística como também a

condição de intersubjetividade na determinação de um quadro dialógico constitutivo da língua. É a intersubjetividade que viabiliza o uso da língua”. Essa é tomada como um instrumento para a constituição tanto do *eu* como do *tu*.

Benveniste é caracterizado por muitos como aquele que “ultrapassou” Saussure ou que “continuou” as ideias inacabadas do mestre genebrino. Entretanto, mais importante do que essa discussão é o reconhecimento de que há a produção de um pensamento absolutamente singular em Benveniste, “cuja complexidade está por ser avaliada e talvez ainda seja cedo para que possamos vê-lo com olhos menos impassíveis que os de Sirius. Tal complexidade só poderia ser contemplada num estudo epistemológico exaustivo” (FLORES, 2005, p. 129). Conforme Normand (2014, p. 198), Benveniste “encontrou Saussure no que pôde conhecer de seus escritos”. Portanto, independentemente do tipo de discurso, trata-se de um encontro, continuação ou uma ultrapassagem que conserva sempre ali o grande mestre, impondo sua presença quando existe interesse pela linguagem.

Fundamental nos estudos benvenistianos, o conceito de linguagem constitui-se pela ampliação dada ao conceito de língua. A dimensão da linguagem relegada por Saussure (*status* de não objeto da linguística) é resgatada por Benveniste, para o qual a linguagem torna-se “a própria natureza do homem” (BENVENISTE, 2005a, p. 285) e deixa de ser uma “faculdade de natureza multiforme e heteróclita” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Os estudos de Benveniste apresentam como preocupação maior o sentido do discurso construído pelo homem. E é a linguagem que se torna condição para que o homem exista. Essa concepção traz à tona a subjetividade da relação de um *eu* e um *tu*, ao inserir um *emoji* no momento dessa enunciação digital.

“O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação” (BENVENISTE, 2006e, p. 83). Portanto, antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade de língua, situação modificada quando, pelo ato de enunciar, acontece a introdução de um locutor. Nesse momento, a língua passa a ser discurso e provoca uma outra enunciação de retorno. Dessa forma, a relação do locutor com a língua possibilita, por meio das formas linguísticas, a conversão individual dela em discurso, entendida aqui como manifestação da enunciação, sempre única, irrepetível.

É nessa passagem da realização individual da língua em discurso, segundo Flores e Teixeira, que se dá a semantização da língua. “A enunciação, vista desse prisma, é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário. É a alocação que instaura o outro no emprego da língua” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 35). A Teoria da Enunciação explica como o sujeito insere-se na

língua. Ela estuda o mecanismo usado pelo falante para dizer o que diz num determinado tempo e espaço, numa relação intersubjetiva.

Assim, ao partir do pressuposto de que toda língua é intersubjetiva, e a Teoria da Enunciação argumenta sobre a representação do sujeito na língua, como podemos proceder a um estudo enunciativo-discursivo do gênero *emoji*, ao abordar a relação intersubjetiva entre a imagem e a escrita? Se todos os fenômenos semiológicos dependem da língua para a interpretação, como o sujeito se apropria da língua para explicar esse signo? O emprego da língua, consoante a teoria de Benveniste, deve ser compreendido na relação que acontece entre um locutor e a língua. Nesse encadeamento, produzem-se as marcas linguísticas denominadas “caracteres lingüísticos da enunciação” (BENVENISTE, 2006e, p. 82). O locutor mobiliza a língua, faz escolhas, deixando marcas, produzindo efeitos de sentido, a fim de persuadir o seu interlocutor.

São essas marcas deixadas pelo sujeito que constituem o objeto da análise da teoria de Benveniste. No centro de tudo, está a semantização da língua, que nos remete “à teoria do signo e à análise da significância” (BENVENISTE, 2006e, p. 83). É a semantização a responsável por converter a língua em discurso, esse que pode acontecer por intermédio de uma linguagem não verbal, o *emoji*, o qual não substitui a língua, mas constitui, hoje, uma possibilidade comunicativa e eficaz, impregnada na cultura, por meio de símbolos que significam em uma sociedade em constante mudança nas formas de linguagem utilizadas, respaldadas em uma cultura que se propaga e se modifica.

A cultura, é um fenômeno inteiramente simbólico. A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? Pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura (BENVENISTE, 2005b, p. 32).

A Teoria de Benveniste serve de base para este estudo porque acreditamos, como Flores (2001, p. 49), que “qualquer fenômeno que já tenha sido estudado por outras lingüísticas pode receber o ‘olhar’ da lingüística da enunciação basta que, para isso, seja contemplado com referência às representações do sujeito que enuncia, à língua e a uma dada situação”. Embora não tenhamos um modelo de análise consolidado, parece-nos que muitas possibilidades abrem-se por meio de reflexões, as quais têm como núcleo a análise de formas da língua em determinados usos que proporcionam

sentidos, como no caso do nosso objeto, o qual constitui uma possibilidade comunicativa, explicada pela língua, com sua dupla significância:

Benveniste dá à noção de interpretância da língua um lugar de grande destaque. [...] concorda com Saussure ao supor que a língua é o mais importante dos sistemas semiológicos. [...] a língua é o único sistema que se articula, simultaneamente, no modo semiótico e no modo semântico, o que a transforma no interpretante por excelência de si e dos outros sistemas. (FLORES, 2019, p. 363-364).

O *emoji* está em toda parte, tendo se espalhado muito além dos sistemas de mensagens para os quais foi desenvolvido. Esse signo aparece em publicidades, logomarcas, embalagens, guias turísticos, animações, funcionando como “um mediador de manifestações que pode ser criado, absorvido e traduzido em diversos contextos dentro de uma cultura, assim como tomar novas formas quando absorvido por uma outra cultura” (MORO, 2016, p. 53), apesar de ter um significado definido a priori. O *emoji* é um meio de comunicação capaz de transmitir uma mensagem e, por meio do tempo, pode ser redefinido, repensado, modificado quando inserido dentro de uma cultura e de uma sociedade. “O uso que fazemos das coisas, e como as representamos, gera significados dados por quem as utiliza” (MORO, 2016, p. 54). O sentido dessa linguagem não verbal, certamente, abarca a compreensão do contexto social em que foi proferido, expandindo-se para outros contextos sociais, envolvendo outras intersubjetividades, outros valores, outras culturas.

Acreditamos que o *emoji* é um símbolo o qual faz parte da representação de subjetividades/intersubjetividade de sujeitos que convivem em sociedade, imbricados em uma cultura, mas “somente a língua tem as condições necessárias e suficientes para comportar as relações possíveis entre os homens” (FLORES, 2019, p. 117), pois é ela que contém a sociedade, não há como ser diferente. Benveniste (2006c) propõe que somente pela análise da língua é possível incluir a sociedade nas preocupações teóricas dos linguistas. E é por meio dela, sem dúvida, que se dá a interpretação do nosso objeto de pesquisa, o *emoji*, uma nova linguagem não verbal adaptada aos recursos tecnológicos encontrados no espaço digital, repleta de significados, pois não são meras ilustrações. Muito pelo contrário, são signos capazes de transmitir informações de forma econômica, criativa e emotiva, ou seja, são uma possibilidade eficaz de comunicação a qual deve ser apreciada e estudada pelos linguistas preocupados com os sentidos que emergem das linguagens utilizadas na sociedade, explicitadas pela língua.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O elemento central deste artigo situa-se na nossa tentativa de olhar para o signo *emoji*, a partir da enunciação, do discurso. Dessa forma, acreditamos que esse signo é um sistema não verbal,



o qual comporta um uso próprio que significa sempre num tempo num espaço atualizados e interpretados pela língua.

Se, segundo Benveniste (2005a, p. 285), “é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”, acredita-se que a comunicação é uma necessidade de todo ser humano. A língua, como todo sistema complexo, está sempre em transformação. Ela muda no tempo e no espaço. Portanto, realizar um estudo dessa natureza requer do pesquisador um olhar voltado às propriedades e às situações enunciativas que se inscrevem na organização e na utilização dos *emojis*: a história, o espaço e o tempo em que se definem os posicionamentos dos enunciadores, a fim de esclarecer a relação intersubjetiva construída entre o *eu* e o *tu*.

Acreditamos que há relevante impacto gerado pelas tecnologias de comunicação digital na interação humana, especialmente quando mediadas por tecnologias móveis, e, como consequência, introduzem-se mudanças no uso dos sistemas sógnicos e na participação social dos envolvidos na comunicação digital, os quais se apropriam da língua e se tornam sujeitos numa relação enunciativa e democrática.

Ao partirmos do pensamento do linguista Émile Benveniste sobre a concepção a respeito de língua e linguagem, percebemos que esta é entendida como lugar e fundamento da subjetividade, a qual, por sua vez, só é percebida e tem valor numa relação intersubjetiva, de diálogo. Os sentidos são construídos no discurso, por meio da língua, pelo sujeito. Diante dessas afirmações, atrevemo-nos a dizer que o *emoji* é um signo não verbal que se explica pela língua e colabora na construção do sentido do discurso, uma vez que é constituído por meio da experiência subjetiva dos sujeitos que se situam e interagem nas conversas virtuais.

## REFERÊNCIAS

- ALSHENQEETI, Hamza. Are Emojis Creating a New or Old Visual Language for New Generations? A Socio-semiotic Study. *Australian International Academic Centre, Australia*, v. 7, n. 6, p. 56-69, Dec. 2016.
- BENVENISTE, Émile. (1958). Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Salum. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005a. p. 284-293.
- BENVENISTE, Émile. (1963). Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Salum. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2005b. p. 19-33.
- BENVENISTE, Émile. (1966-1967). A forma e o sentido na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006a. p. 220-242.

- BENVENISTE, Émile. (1968). Estruturalismo e linguística. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006b. p. 11-28.
- BENVENISTE, Émile. (1968). Estrutura da língua e estrutura da sociedade. In: BENVENISTE, Émile. BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006c. p. 93-104.
- BENVENISTE, Émile. (1969). Semiologia da língua. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006d. p. 43-67.
- BENVENISTE, Émile. (1970). O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2006e. p. 81-90.
- BENVENISTE, Émile. *Últimas aulas no Collège de France: 1968-1969*. Tradução Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Unesp, 2014.
- DICIONÁRIO OXFORD ONLINE. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/definition/emoji>>. Acesso em: 20 set. 2019.
- EMOTICONSIGNIFICADO. Disponível em: <<https://www.emoticonsignificado.com.br/lista-emojis-pessoas-whatsapp>>. Acesso em: 11 nov. 2019.
- EVANS, Vyv. Why You Need Emoji. Emojis are the body language of the digital age. *Nautilus*, Nova York, 06 July 2017a. Disponível em: <http://nautil.us/issue/50/emergence/why-you-need-emoji>>. Acesso em: 01 dec. 2019.
- EVANS, Vyv. THE EMOJI CODE. The Linguistics Behind Smiley Faces and Scaredy Cats. 2017b. Disponível em: <<https://us.macmillan.com/excerpt?isbn=9781250129062>>. Acesso em: 01 dec. 2019.
- EVANS, Vyv. *Breaking the Emoji Code*. LinkedIn Essay. 20. Mar. 2018. Disponível em: <<https://www.linkedin.com/pulse/breaking-emoji-code-vyv-evans/>>. Acesso em: 05 nov. 2019.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Linguística e Psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 36, n. 4, p. 7-67, dez. 2001.
- FLORES, Valdir do Nascimento. Por que gosto de Benveniste. *Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 127-138, 2005.
- FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, Valdir do Nascimento et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Problemas gerais de linguística*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- MORO, Gláucio Henrique Matsushita. Emoticons, emojis e ícones como modelo de comunicação e linguagem: relações culturais e tecnológicas. *Revista de Estudos da Comunicação*, Curitiba, v. 17, n. 43, p. 51-65, set. /dez. 2016.

NORMAND, Claudine. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L. *et al.* *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996, p. 128-150.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: NORMAND, Claudine *Convite à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 197-204.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. A linguagem dos emojis. *Trabalhos de Linguística Aplicada*, Campinas, n. 55.2, p. 379-399, maio/ago. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.